

# MEDEIA :

## PARA ALÉM DO BEM E DO MAL

FRANCISCA LUCIANA SOUSA DA SILVA - Mestranda em Literatura Comparada pela  
Universidade Federal Do Ceará (UFC).  
luveredas@yahoo.com.br

**Resumo:** *Relida ao longo dos séculos por uma gama distinta de poetas, Medeia, de Eurípides, conquistou a admiração, de um lado, e o horror, do outro, de um não menos vasto número de leitores e espectadores. Para além do bem e do mal, ela segue inspirando artistas e suscitando algumas questões: seria Medeia um monstro moral? A despeito dos crimes cometidos, ela segue incólume, à primeira vista. Não sofreria Medeia nenhum tipo de sanção, mesmo que de ordem metafísica, por seus atos? Arriscamos algumas respostas. Para tanto, iremos discutir alguns conceitos morais evocados por Nietzsche em Genealogia da moral, obra na qual critica as mais caras ideologias da tradição religiosa e filosófica ocidental – compaixão, igualdade, crença na verdade –, e Além do bem e do mal, na qual tanto abordará a vontade de poder e suas ramificações, quanto a psicologia da religião e a definição de um tipo de homem nobre.*

**Palavras-chave:** *Moral. Nietzsche-Schopenhauer.*

### **Abstract**

*Reinterpreted over the centuries by a distinct range of poets, Medea, by Euripides, won the admiration, on one hand, and the horror, on the other, of an equally large number of readers and viewers. Beyond good and evil, she continues to inspire artists and to pose some questions: Is Medea a moral monster? In spite of the crimes committed by her, she remains unscathed at first sight. Should not Medea suffer any penalty, even in the metaphysical order, for her actions? We tried to find some answers. To do so, we will discuss some moral concepts evoked by Nietzsche in the Genealogy of Morals, a work in which he criticizes the most important ideologies of Western religious and philosophical traditions - compassion, equality, belief in a higher truth - and Beyond Good and Evil, in which address both the will to power and its ramifications, concerning the psychology of religion and the definition of a type of noble man.*

**Keywords:** *Medea. Moral. Nietzsche-Schopenhauer.*

*Na vingança e no amor, a mulher é mais bárbara que o homem.<sup>1</sup>*

*O que uma época percebe como mau é geralmente uma ressonância anacrônica daquilo que um dia foi considerado bom – o atavismo de um antigo ideal.*

*O que se faz por amor sempre acontece além do bem e do mal.*

Quem é Medeia? Onde situá-la, já que se encontra em constante trânsito? Como sua fala reverbera no mundo contemporâneo? Para Carlos Henrique Escobar, “‘Medeia’ não é apenas um personagem ou uma das tragédias de Eurípedes, ela caracteriza, mais do que qualquer outra tragédia, a força e a radicalidade de um questionamento”<sup>2</sup>. Em seu prefácio a *Lembra-te de que sou Medeia*, ele acrescenta: “Medeia é um grito, uma imagem desenraizada e aérea que atropela, surpreende e paralisa o projeto Grego-Occidental.” (p. 12). E mais adiante: “Medeia é um lugar para diferentes e exigentes reflexões críticas sobre aquilo que os corpos e as falas se tornaram no Ocidente.” (p. 18) Por último: “Medeia é uma cena terrível e maravilhosa, isto é, a vida que quer alcançar a si mesma (se pensar no *pensar pesado do pensamento*), e então aprendemos com ela que nos demoramos e, até mesmo, que ainda não nos começamos.” (p. 21) A longa citação se justifica por corroborar o nosso pensar acerca da referida personagem trágica sob um viés filosófico. Inquietações de ordem moral e metafísica motivaram essa possível e também desconcertante aproximação entre a maga da Cólquida e o filósofo alemão. A sugestão de Nietzsche em seu prólogo a *Além do bem e do mal* muito vem a calhar com nossa proposta, que consiste em tentar entender a falta de punição para a heroína fraticida, homicida e filicida. Reproduzimos as linhas iniciais do referido texto filosófico:

Suponha que a verdade seja uma mulher – não seria bem fundada a suspeita de que todos os filósofos, na medida em que foram dogmáticos, entenderam pouco de mulheres? De que a terrível seriedade, a desajeitada insistência com que até agora se aproximaram da verdade, foram mais inábeis e impróprios para conquistar uma dama? É certo que ela não se deixou conquistar – e hoje toda espécie de dogmatismo está de braços cruzados, triste e sem ânimo.<sup>3</sup>

Em se tratando de Medeia, não só os filósofos, mas também psicólogos, psicanalistas e outros criadores de sistemas ousaram se apropriar de Medeia para ilustrar uma de suas teses, assinala

<sup>1</sup> Nietzsche, Friedrich. “Máximas e Interlúdios”, 4, 139, 149, 153. In: *Além do bem e do mal: prelúdio a uma filosofia do futuro*. Tradução, notas e posfácio Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

<sup>2</sup> Stengers, Isabelle. *Lembra-te de que sou Medeia*. Prefácio Carlos Henrique Escobar; tradução Hortência S. Lancaster. Rio de Janeiro: Pazulin, 2000. P. 9-10.

<sup>3</sup> Ibidem. “Prólogo”. P. 7

Isabelle Stangers (2000:25). Aos que tentaram se aproximar dela no teatro (Eurípedes, Sêneca, Pierre-Corneille...), ela impôs seu enigma, “aterrador desafio de uma mulher que mata seus filhos e sobrevive”, continua Stangers (p. 26). Mais que isso, ela “se tornou a ‘mãe’ de um povo glorioso, rival e depois aliado, submisso e depois reverenciado, do império persa”, que até hoje, sob outro nome, vive ou sobrevive de modo extremado.

Não menos oportuno parece-nos considerar o prólogo à *Genealogia da moral* (2009:7-14) que, ao tratar sobre a origem de nossos preconceitos morais, levanta questões não só pertinentes, mas que podem, a nosso ver, se aplicar ao mito de Medeia aqui lembrado:

(...) sob que condições o homem inventou os juízos de valor “bom” e “mau”? e que valor têm eles? Obstruíram ou promoveram até o crescimento do homem? São indício de miséria, empobrecimento, degeneração da vida? Ou, ao contrário, revela-se neles a plenitude, a força, a vontade da vida, sua coragem, sua certeza, seu futuro?<sup>4</sup>

Também a Primeira Dissertação (“Bom e Mau”, “Bom e Ruim”) aponta ou sugere algumas reflexões relativas ao mito, notadamente quando trata do *pathos* da nobreza e da distância (§2, p. 17; §5, p. 19), a concepção de homem do ressentimento (§10, p.27), que a nosso ver se ajusta, em parte, à personagem aqui referida: apátrida, renegada pelos pais, abandonada pelo marido, o que a obriga, por vezes, a não ser franca, nem ingênua, nem honesta e reta consigo. Além disso, sua alma também *olha de través*, também ama os refúgios, os subterfúgios, os caminhos ocultos: do templo de Hécate à caverna de Mácris (posteriormente caverna de Medeia), onde se une pela primeira vez com Jasão, após fugirem da Cólquida. Da Segunda Dissertação (“Culpa”, “Má Consciência” e Coisas Afins), destacamos a importância da memória (§3, p. 46) e a consciência de culpa, a “má consciência”, bem como a ideia de castigo (§4, p. 48), que ora ilustramos:

O pensamento agora tão óbvio, aparentemente tão natural e inevitável, que teve de servir de explicação para como surgiu na terra o sentimento de justiça, segundo o qual “o criminoso merece castigo *porque* podia ter agido de outro modo”, é na verdade uma forma bastante tardia e mesmo refinada do julgamento e do raciocínio humanos; quem a desloca para o início, engana-se grosseiramente quanto à psicologia da humanidade antiga. Durante o mais largo período da história humana, *não* se castigou porque se responsabilizava o delinqüente por seu ato, ou seja, *não*

---

<sup>4</sup> 3, p. 9

pelo pressuposto de que apenas o culpado devia ser castigado – e sim como ainda hoje os pais castigam seus filhos, por raiva devida a um dano sofrido, raiva que se desafoga em quem o causou; mas mantida em certos limites, e modificada pela ideia de que qualquer dano encontra seu *equivalente* e pode ser realmente compensado, mesmo que seja com a dor de seu causador.<sup>5</sup>

Não é exatamente o que faz Medeia em relação a Jasão? Ela o fere no âmago tirando-lhe aqueles que lhe são caros. Um castigo pautado na dor, sendo ele o criminoso ou culpado pelos atos da maga considerados torpes: abandono do lar e quebra da palavra empenhada. Também o rei Creonte teria o merecido castigo por desrespeitar uma lei muito antiga entre os gregos: a da hospitalidade. Ainda na Segunda Dissertação um tópico fundamental diz respeito à vingança e à crueldade, no qual reforça a origem de “culpa e sofrimento” (§6, p. 50). Sobre o castigo, assinala dois aspectos – o duradouro e o fluido – elencando os sentidos para tal numa lista relativamente limitada (§13, p. 62).

Isso posto, indagamos: estaria Medeia, princesa e sacerdotisa da Cólquida, para além do bem e do mal ou, antes, seria Medeia a encarnação do próprio bem e mal? O mito em torno da personagem vem de muitos séculos, ainda anterior a Homero, havendo referências ora como princesa, ora como divindade em Hesíodo (*Teogonia, Os Trabalhos e os Dias*), sendo, todavia, mais conhecida pela peça homônima de Eurípedes (431 a.C.) e pelo destaque conferido à personagem feminina, heroína adventícia, no poema épico de Apolônio de Rodes, *A viagem dos Argonautas*. Enquanto Eurípedes nos apresenta o lado mais sombrio da maga, que vai do sofrimento pelo abandono ao calculado ato de vingança, Apolônio descreve uma jovem com laivos romanescos, que treme de amor ao ver Jasão, ruboriza, hesita e tem um sonho revelador. Em outra aproximação filosófica, dessa vez no período helenístico (o mesmo do poema apoloniano), desenvolvemos uma leitura alegórica do sonho de Medeia e o do médico Hipócrates, ao tratarmos, na ocasião, de cura e loucura no mundo antigo. Arriscamos, em paralelo, uma aproximação ou diálogo com Foucault para tentar compreender essa imagem onírica: de um lado Hipócrates, que é visitado, em sonho, por três entidades ou divindades – *Alétheia* (a Verdade), *Doxa* (a Opinião) e Asclépio (patrono da medicina, filho do deus Apolo). Em questão, a loucura de Demócrito, filósofo mais conhecido pela teoria atomista, afeito à vida solitária. Seu riso, tomado como sem propósito, incomodou seus concidadãos abderitas, que defendiam tratar-se de loucura e exigiam a cura do filósofo pelo médico Hipócrates. Do outro lado, Medeia, princesa da linhagem do Sol, filha de Eetes, irmão de Circe, feiticeira que também terá um sonho premonitório. A sobrinha, igualmente versada nas artes mágicas, é sacerdotisa de Hécate, a quem presta culto no templo com outras 12 jovens virgens. No sonho de Medeia, ela se vê realizando as provas que competiam a Jasão, o grego, realizar. Ela tem de escolher entre ficar com os pais ou seguir com o forasteiro. Assim, a dúvida da véspera, qual no caso de Hipócrates, dá lugar, em sonho, a uma ação (*agon*); desperta, a uma decisão que mudará o

<sup>5</sup> 2ª Dissertação, §4, p. 48

rumo de sua vida. Em comum com o médico, além do sonho e da ação, um símbolo: a serpente.

## O que não mata, cura

Bem e mal estão intimamente associados a este animal-símbolo, a serpente, presente em diferentes tradições religiosas, adotada por diferentes ciências e representada nas mais diversas situações. Ambivalente, traz em si a cura para o próprio veneno capaz de matar. “No culto do deus da medicina Asclépio (Esculápio) cabia papel importante à serpente (com referência a sua mudança de pele) como símbolo de contínua auto-renovação”.<sup>6</sup> Ele teria aprendido a arte de curar com o centauro Quíron, o mesmo que educou Jasão e outros heróis gregos. Asclépio teria tomado parte na expedição Argo, atuando como cirurgião. Sua reputação, contudo, foi posta em xeque ao trazer de volta à vida os mortos. Fulminado por Zeus, foi transformado na constelação de Ofiúco (“O portador da serpente” ou “O Serpenteiro”), que fica entre Sagitário e Libra. Costuma ser representado segurando um bastão com uma serpente em volta, o que veio a se tornar o símbolo da medicina.<sup>7</sup> Na *Argonautiká*, Hécate, deusa do submundo, Senhora das Encruzilhadas, traz na cabeça “terríveis serpentes”, assim nos relata Apolônio de Rodes (Canto III, v. 1200ss.); ele também descreve a serpente enrodilhada que guarda o Velo de Ouro (motivo da expedição dos Argonautas) no sombrio bosque de Ares. Invocando o Sonho (*Hypnos*), “o mais alto dos deuses”, a jovem Medeia enfeitiça a serpente de mil anéis (Canto IV, v. 150). Na peça de Eurípedes, depois dos crimes praticados, Medeia escapa num carro puxado por serpentes, presente do deus Sol/Hélios/Apolo.

Poder-se-ia ler aí uma alegoria do triunfo do racional ironicamente posto em cena pelo recurso de um *deus ex machina*? Ou, contrariamente, a sobrevivência de tempos primevos com toda sua vontade de potência desferida contra os limites civilizacionais? “Ou será”, nos dirá mais uma vez Isabelle Stengers:

que esse dragão, que, de repente, significa sua quase divindade, é o signo de que Medeia, a mulher, despojou – terrível carne viva – os fios que teciam suas ligações humanas, e tornou-se aquela que havia esquecido, traído, para se tornar grega e fêmea, e tornou-se essa verdade que leva seu nome, Medeia?<sup>8</sup>

<sup>6</sup> Becker, Udo. *Dicionário de símbolos*. [tradução Edwino Royer]. São Paulo: Paulus, 1999. P. 255.

<sup>7</sup> Cf. [http://pt.wikipedia.org/wiki/Bord%C3%A3o\\_de\\_Asc%C3%A9pio](http://pt.wikipedia.org/wiki/Bord%C3%A3o_de_Asc%C3%A9pio) Consulta em 05/02/2014.

<sup>8</sup> Op. cit. P. 30

Em vez de “suicídio da tragédia”, como sugere Nietzsche em *O nascimento da tragédia*, lemos uma reafirmação do trágico, ou melhor, o instante inaugural deste, já que os gregos do período clássico não o teriam conhecido. O trágico Eurípedes põe em cena um drama medonho: uma mulher estrangeira, abandonada pelo marido, expulsa da pátria que lhe serviu de exílio, não sem antes perpetrar a maior das vinganças. Ela, no entanto, sai ilesa de seus crimes e antes de praticá-los, expõe, mais de uma vez, a condição da mulher, bárbara ou grega:

Mulheres de Corinto, deixo o lar  
para evitar que línguas vis me agridam:  
gente soberba é o que não falta, atrás  
da porta ou porta afora, mas o afável  
suporta o estigma de pueril: o homem  
em tudo vê injustiça e odeia o próximo  
quando com ele topa, indiferente  
se a dor terrível lhe ruma as vísceras.  
(...)  
Entre os seres com psique e pensamento,  
quem supera a mulher na triste vida?  
Impõe-se-lhe a custosa aquisição  
do esposo, proprietário desde então  
de seu corpo – eis o opróbrio que mais dói!  
E a crise no conflito: a escolha re-  
cai no probo ou no torpe? À divorciada,  
a fama de rampeira; dizer *não!*  
ao apetite másculo não nos  
cabe. Na casa nova, somos mânticas  
para intuir como servi-lo? Instruem-nos?  
(...)  
Quando a vida em família o entedia,  
o homem encontra refrigerio fora,  
com amigo ou alguém da mesma idade.  
A nós, a fixação numa só alma.  
“Levais a vida sem percalço em casa”  
(dizem), “a lança os põe em risco.” Equívoco  
de raciocínio! Empunhar a égide  
dói muito menos que gerar um filho.<sup>9</sup>

<sup>9</sup> Eurípedes. *Medeia*. Tradução Trajano Vieira. São Paulo: Ed. 34, 2010. V. 214-220.230-251.

Mais adiante, é a voz do Coro (e por que não dizer a voz do poeta), formado por mulheres coríntias (ainda que a interpretação fosse exclusivamente feita por homens), que se faz ouvir, ressaltando a condição feminina de mãe, mulher, esposa, cidadã e sábia.

Em inúmeras ocasiões freqüentei  
debates não restritos ao círculo das mulheres;  
Não fui imperita no palavreado sutil.  
Reivindico para nós o convívio da musa  
que nos aprimora a ciência,  
de uma fração de nós...  
Na vasta galeria de tipos femininos,  
talvez encontres um exemplário diminuto  
que não pareça ser avesso à musa.<sup>10</sup>

### Considerações finais

Haveria, portanto, alguma punição de outra ordem para Medeia? Seria o exílio, condenada a viver longe da pátria, sem urbe, *ápolis*? Ela não traz, contudo, a serpente na garganta como o pastor nietzscheano. Ela é a própria serpente que cura, certa feita, a loucura de Hércules (numa das versões do mito; em outras versões, teria sido uma das filhas de Asclépio) e a infertilidade de Egeu, torna invulnerável Jasão, mas, vulnerável ela mesma, abdica dos próprios filhos por um mal que se poderia ler de ordem moral.

Não me furto ao destino; cuida que ambos  
aufiram o que o dia-a-dia dite.  
De morada e cidade, filhos, não  
carecerá nenhum dos dois, ausente  
a mãe, após o adeus carpido. Vou-me,  
andarilha de incertas geografias,  
frustrânea na visão de regozijo,  
sem lhes doar adorno para o leito  
nupcial, sem soerguer a tocha ao céu.  
Quanta soberba a deste ser transido!  
Nada valeu, meninos, meu empenho,  
nada valeu sofrer as convulsões

doloridíssimas do parto.

(...)

Está para nascer alguém que agrida  
um filho meu! Se *ananke*, o necessário,  
impõe sua lei indesviável, nós  
daremos fim em quem geramos. Não  
existe escapatória ao prefixado.<sup>11</sup>

Retomando a questão inicial, indagamos com Isabelle Stengers: “Que significa Medeia? Para alguns existe aí o testemunho histórico de um mundo esquecido. Um mundo ‘matriarcal’ que os gregos aqueus destruíram mas ainda temem.” (2000:40) Em consonância com a historiadora Maria Regina Candido, em *A feitiçaria na Atenas Clássica* (2004) e *Medeia, mito e magia através do tempo* (2010), a pensadora francesa retoma o mito da Grande Mãe, “mito que deixa transparecer a execução de rituais de magia e de encantamento associados ao uso de ervas e raízes – *pharmaka* e *epoda*, que tanto tinham o poder de curar – como o episódio do rei Egeu, quanto matar, como o caso de Gláucia e Creonte, ambos narrados na poesia trágica *Medeia* de Eurípedes.”<sup>12</sup> Sobre o mundo esquecido, acrescenta Stengers:

Um mundo onde as mulheres reinavam, sacerdotisas de uma Deusa temida. Mãe e Morte ao mesmo tempo. Medeia traiu sua pátria, Cólquida, entregando o Velo de Ouro a Jasão e matando seu irmão mais moço, cujos membros dispersou pelo mar para retardar seus perseguidores. (...) Mas quando Medeia se torna Medeia, a ordem divina dos gregos desmorona. O Sol não é mais Apolo, tem parte com a morte, a luminosa fonte de vida se mostra, de repente, unida à escuridão infernal. E as leis da culpabilidade, do remorso e da justiça caem por terra. Num só ato, Medeia, infanticida, é expurgada da sua traição. Ela volta a ser a Mãe, reencontra a soberania que renegou para se tornar grega.<sup>13</sup>

Outrora deusa, Medeia passa a ser respeitada como sacerdotisa, a única capaz de transitar entre os universos ctônico e olímpico, apta a entrar em contato com as divindades do mundo subterrâneo, como Hécate, em Atenas; Deméter e Perséfone, em Corinto; e a deusa olímpica Hera Akraia no santuário de Perachora. Seu exílio em Corinto, a convite do rei Creonte, fora marcado por um compromisso: pôr fim à desgraça – *limos* – e à fome – *loimos* – que assolavam esse território. Bênção

<sup>11</sup> Ibidem. V. 1.020-1.030. 1.060-1.064

<sup>12</sup> Candido, 2010:53

<sup>13</sup> Stengers, 2000:42-43

e maldição. Cura, loucura e morte compõem a travessia dessa heroína, marcada por rituais de sangue, “que permaneceram na memória dos gregos”<sup>14</sup>.

Ela, no entanto, a estrangeira, seguirá em exílio. Errando por diferentes lugares, qual Nietzsche, andarilha e solitária, muito além de si mesma. Para além do bem e do mal.

---

<sup>14</sup> Candido, 2010:112

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Becker, Udo. **Dicionário de símbolos**. [tradução Edwino Royer]. São Paulo: Paulus, 1999.

CANDIDO, Maria Regina. **A feiticeira na Atenas Clássica**. Rio de Janeiro: Letra Capital: FAPERJ, 2004.

\_\_\_\_\_. **Medeia, mito e magia através do tempo**. 2 ed. Rio de Janeiro: UERJ/NEA, 2010.

EURÍPIDES. **Medeia**. Tradução, posfácio e notas de Trajano Vieira; comentário de Otto Maria Carpeaux. – São Paulo: Ed. 34, 2010.

KURY, Mário da Gama. **Dicionário de mitologia grega e romana**. – 6<sup>a</sup>. ed. – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm, 1844-1900. **Genealogia da moral: uma polêmica**. Tradução, notas e posfácio Paulo César de Souza. – São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

\_\_\_\_\_. **Além do bem e do mal: prelúdio a uma filosofia do futuro**. Tradução, notas e posfácio Paulo César de Souza. – São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

\_\_\_\_\_. **O nascimento da tragédia ou helenismo e pessimismo**. Tradução, notas e posfácio: J. Guinsburg. – São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

RODAS, Apolonio de. **El viaje de los Argonautas**. Traducción e introducción de Carlos García Gual. Madrid: Alianza Editorial, 2010.

STERGERS, Isabelle. **Lembra-te de que sou Medeia** (*Medea nunc sum*). Prefácio Carlos Henrique Escobar; tradução Hortência S. Lancastre. – Rio de Janeiro: Pazulin, 2000.